

## Literatura, Cultura e Nação: modulações e transgressões nos acordes de Mário de Andrade

Beatriz da Silva Lopes Pereira<sup>1</sup> (UnB)

### **Resumo:**

*Nas décadas iniciais do século XX, as confluências e as disjunções do pensamento oitocentista sobre cultura e nacionalidade, juntamente com o advento do Modernismo, ensejam diferentes formas de interação entre os intelectuais, as camadas populares e suas manifestações artísticas. A cultura ganha centralidade nos debates sobre o projeto de construção de uma identidade brasileira, de valorização do nacional e do popular. Nessa vertente, Mário de Andrade, como intelectual da cultura, musicólogo, escritor, crítico de arte, faz emergir uma **narrativa socioestética de nação** na medida em que promove uma transversalidade com os ideários de identidade brasileira e **um processo civilizador pela cultura**. E sua obra *Macunaíma* torna-se a convergência de projeto estético e de projeto ideológico do Modernismo, rompendo barreiras da linguagem oficializada, incorporando a força ampliadora e libertadora do folclore e da cultura popular e vinculando a vocação do artista e do intelectual aos destinos da nacionalidade, expandindo-se, como utopia, para além dos âmbitos literários e artísticos, nos principais movimentos culturais ao longo do século XX.*

**Palavras-chave:** Literatura, Cultura, Nação, Mário de Andrade.

### **1 Acorde inicial**

Nas décadas iniciais do século XX, no espaço-tempo em que as tendências ocorrem em simultaneidade, as confluências e as disjunções do pensamento oitocentista sobre cultura e nacionalidade adentram as ideias de modernidade, a modernização e os avanços tecnológicos, as efervescências socioculturais das cidades e, juntamente com o advento do Modernismo, ensejam diferentes formas de socialização e interação entre os intelectuais, as camadas populares e suas manifestações artísticas. A cultura ganha centralidade nos debates sobre o projeto de construção de uma identidade brasileira, de valorização do nacional e do popular. Nessa vertente, a literatura, a música e as artes plásticas, produtos e produtoras de cultura, vão mediar a sustentação desses ideais, através de um projeto estético de renovação das artes e de um projeto político de emancipação pela cultura.

Assim, problematizando as concepções de cultura brasileira, de identidade nacional, de arte erudita e popular, de folclore, de tradição e modernidade, de interação artística, de língua nacional, em formulações que atravessam e diluem os limites temporais e conceituais, as produções artísticas de Mário de Andrade e sua atuação como intelectual da cultura fazem emergir uma **narrativa socioestética de nação** que ora se integra, em movimento de continuidade e complementaridade, com o pensamento social brasileiro ainda vigente na época, apontando a cultura como um espaço privilegiado onde se processa a tomada de consciência do que nos falta; ora subverte as fronteiras culturais e promove a ruptura com a visão civilizatória europeia, contrapondo a autenticidade e a autoafirmação de nossa singularidade. Então, a cultura associada à questão nacional elege a nação como reflexão cultural, categoria que encobre as diferenças de classes e elabora uma ideologia unificadora que tenta cauterizar as feridas no fosso entre as elites e o povo.

Nesse sentido, Mário de Andrade terá um papel de convergência no quadro combinatório entre cultura e nação, tanto na literatura quanto na música, na mediada em que promove uma transversalidade com os ideários de identidade brasileira, conformando em sua trajetória e produção artísticas **um processo civilizador pela cultura**, como intelectual, musicólogo, escritor, crítico de arte, desempenhando a tarefa de mediador simbólico, isto é, a expressão da **memória nacional**, atuando como agente intermediário das duas dimensões o popular (plural) e o nacional na construção da identidade brasileira. E sua obra **Macunaíma** torna-se a formulação mais acabada da convergência de projeto estético e de projeto ideológico do Modernismo e se converte em paradigma de seu pensamento sobre cultura brasileira, não só marcando sua influência em toda uma época, bem como se estendendo a movimentos culturais posteriores. .

## 2 Modulações de uma narrativa socioestética de nação nos acordes de Mário de Andrade

“O sentimento de humanidade vencerá talvez um dia o preconceito de pátrias restritas.”

Mário de Andrade

Ao tentar captar os acordes que configuram as concepções de Cultura, de cultura brasileira, cultura popular e suas relações constitutivas de uma **narrativa socioestética de nação**, nas décadas iniciais do século XX, constata-se um panorama eivado de complexidade não só pela multiplicidade de ideias, interesses, práticas sociais e políticas desse momento, como também pelas reconhecidas ambiguidades conceituais dos termos Cultura e Nação, em muitas das tentativas de lhes definir e delimitar os objetos de estudo. Percebe-se essa tensão, sobretudo, quando ainda nas confluências e disjunções com o pensamento oitocentista, esses termos se inter-relacionam com os ímpetus civilizatórios de reorganização dos espaços urbanos e os avanços tecnológicos da modernidade, embaralhando ainda mais seus significados. Nessa esteira, complexa torna-se ainda a questão, quando se tenta apreender os projetos de cultura nacional e popular encarregados de construir a identidade cultural, a unidade social e ao mesmo tempo a ideia de legitimidade, pelas transfigurações do nacional-popular, em práticas sociossimbólicas nos diversos campos da arte.

Ao nos fixarmos em Mário de Andrade, como intelectual da cultura, para pensar as concepções que problematizaram as ideias de cultura brasileira, de identidade nacional, de arte erudita e arte popular, de folclore, de brasilidade, de tradição e modernidade, de interação artística, aspectos identificáveis no desafio analítico-interpretativo de suas múltiplas produção e atuação artísticas, observamos que suas formulações teóricas fazem emergir uma **narrativa socioestética de nação** que subverte as fronteiras entre a literatura, a música, e as demais as manifestações artísticas. Deslocam-se, então, as concepções de cultura e nação para a centralidade do debate, inseridas num complexo de práticas sociossimbólicas em que cultura passa a mediar a assimilação de sentidos sobre a nação, o popular, a identidade brasileira no processo histórico que, para além dos limites demarcados entre os fins do século XIX e as décadas iniciais do século XX, operam sobre a esfera cultural, em movimentos de aproximações e distanciamentos, na configuração de um ideário de brasilidade.

A discussão sobre a cultura brasileira e sobre a cultura popular constitui uma tradição na trajetória de nossos intelectuais e de suas reflexões sobre os destinos políticos do país. Segundo Renato Ortiz<sup>1</sup> é através desse debate que se configuram as contradições e o entendimento da formação da nacionalidade e da concepção de cultura nas sociedades periféricas.

Cultura associada ao Nacional passa então a uma acepção ampliada, em que se identificam e se tensionam elementos tais como tradição e modernização/ civilização, arte erudita e arte popular, a criação de uma nova identidade nacional, a unidade nacional e o regionalismo, as teorias da mestiçagem racial e cultural, folclore e cultura urbana.

---

<sup>1</sup>Renato Ortiz, *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

A cultura popular inserida nesse complexo de práticas sociossimbólicas configura-se, assim, em vertente de múltiplas significações: o que é o autêntico? Folclórico? Urbano é popular? O que é produzido pelo povo? O que é a ele dirigido? Quem legitima o popular? Que relações ou distanciamentos há com o nacional?

Nesse contexto, então, Mário de Andrade, forte expressão da cultura brasileira, vai promover um corte transversal e dialógico com seu tempo e com os ideários de identidade brasileira, conformando em sua trajetória e produções artísticas essas questões. Como intelectual, musicólogo, escritor, crítico de arte desempenhará a tarefa de mediador simbólico, atuando como agente intermediário das duas dimensões : o popular( plural ) e o nacional na construção da identidade brasileira. Isto é, a expressão da **memória nacional**<sup>2</sup>, articulando-se a outra instância da esfera sociocultural: os agentes históricos, artistas populares que se voltam para vivências imediatas e atuam como síntese simbólica de brasilidade e tradição, como a **memória coletiva popular**<sup>3</sup>.

Ainda para Renato Ortiz, “A construção da identidade nacional necessita [...] desses mediadores que são os intelectuais. São eles que deslocam as manifestações culturais de sua esfera particular e as articulam a uma totalidade que as transcende”. (2006, p.140).

Em linhas gerais, Mário de Andrade nunca viu o nacionalismo incompatível à pesquisa estética e à renovação técnica; uma constante de suas preocupações artísticas, ai se desenvolvendo ao longo do tempo. O estudo dos fenômenos musical e literário presta-se como base de sua meditação estética, e consubstanciam sua concepção de Cultura. No **Ensaio sobre música brasileira**, obra de impacto no meio cultural da época pelo aspecto normativo e programático de seu discurso, apresentado numa escrita inusitadamente brasileira, tem-se as discussões sobre a cultura brasileira desdobrando-se em uma formulação estética que contempla a tradição, a nacionalidade e a originalidade. Simultaneamente, discutem-se dicotomias típicas da modernidade: popular/erudito, tradição/passadismo, nacional /universal, arte funcional/ arte desinteressada, originalidade/cópia. O nacionalismo, assim, apresenta-se com uma função precisa, um critério de combate, “não filosófico, mas social”, uma afirmação da brasilidade, uma etapa necessária a exigir sacrifícios pessoais.

O período atual do Brasil, especialmente nas artes, é o de nacionalização [...]. Estamos procurando conformar a produção humana do país com a realidade nacional. E é nessa ordem de ideias que justifica-se o conceito de Primitivismo aplicado às orientações de agora. É um engano imaginar que o primitivismo brasileiro de hoje é estético. Ele é social. [...] Pois toda arte socialmente primitiva que nem a nossa, é arte social, tribal, religiosa, comemorativa. É arte de circunstância. É interessada. Toda arte exclusivamente artística e desinteressada não tem cabimento numa fase primitiva, fase de construção. É intrinsecamente individualista. E os efeitos do individualismo artístico [sic] no geral são destrutivos. Ora numa fase primitivística, o indivíduo que não siga o ritmo dela é pedregulho na botina. Si a gente principia matutando sobre o valor intrínseco [sic] do pedregulho e o conceito filosófico de justiça, a pedra fica no sapato e a gente manqueja. ‘A pedra tem de ser jogada fora’. É uma injustiça feliz, uma injustiça justa, fruta de época. O critério atual de Música Brasileira deve ser não filosófico mas social. Deve ser um critério de combate. O critério de música brasileira pra

---

<sup>2</sup> Noção adotada por Renato Ortiz em *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, 2006, na análise sobre as relações de força entre o nacional e o popular na construção da identidade nacional. Para o autor, a **memória nacional** seria representada pelo papel do intelectual como mediador simbólico, como agente histórico que opera uma transformação simbólica da realidade, sintetizando-a, como única e compreensível. Para ele, o processo de construção de identidade nacional se fundamenta sempre numa interpretação. (2006 p.139)

<sup>3</sup> Noção adotada por Renato Ortiz, distinta da **memória nacional**, a **memória coletiva popular** é constituída de agentes históricos que se voltam para uma vivência imediata, formas concretas de expressões particularizadas em suas manifestações e produções populares. (*idem, ibidem* p.140).

atualidade deve de existir em relação à atualidade. A atualidade brasileira se aplica ferradamente a nacionalizar as nossas manifestações. (ANDRADE, 1962, p.18-19).

A proposta é extensiva ao conjunto das nossas artes e, notadamente, à literatura. E Mário não deixa de ilustrá-la, na mesma época, pelos exemplos criativos de **Macunaíma** (romance "rapsódia") e **Clã do Jaboti** (onde gêneros musicais populares são tomados como referência para a construção e intitulação de poemas), que realizam em prosa e poesia literárias alguns dos processos apontados e sugeridos pelo autor para nossa música erudita. Nessas obras, o escritor buscava um perfil abrangente do brasileiro: tanto no tempo-passado e presente; quanto no espaço- urbano e rural; e na perspectiva de uma ligação com a contemporaneidade – do particular para o universal. Desvelar nosso nacionalismo seria apenas etapa para se chegar ao universal. A compreensão da existência de um padrão característico e particular de cultura – a popular- acompanhava-se de um enriquecimento expressivo, um aumento das possibilidades criativas e uma permanente reelaboração da linguagem artística. Assim, o nacionalismo, em um paradoxo aparente investia contra o conceito tradicional de pátria, pois, visando o universal, descartava um reducionismo patriótico “– o porque- me- ufano patrioteiro”- que limitasse a dimensão ampla de povo a um preconceito de país

Este pequeno panorama sobre os fios que conduzem as concepções de Mário de Andrade nos leva a concluir que seu Nacionalismo tinha forte conotação cultural e que em suas discussões não apresentava abstratamente o significado de “povo” e “cultura”. Estava comprometido com um povo específico, com território determinado, cujas relações eram reguladas por um estado nacional. Pode-se identificar, assim, em Mário de Andrade, uma estratégia de idealização de povo-nação<sup>4</sup> que se constitui em prever e preconizar a homogeneização dentro de um estado já existente, não tendo que lidar com contestação significativa das fronteiras territoriais estabelecidas, nem línguas literárias competindo entre si. No entanto, na crítica a essa “idealização” e ao discurso homogeneizador do autor, é preciso levar em conta algumas questões que apontem para reflexões mais contextualizadas das concepções de Mário de Andrade. No caso do musicólogo, o projeto de música artísticas nacional conviveu com o pensamento racial e nacionalista, geralmente sem questioná-los, por assimilá-los a partir de perspectivas diferenciadas. (TRAVASSOS, 1997).

Assim, o vazio de relações do Estado-Nação brasileiro levou os intelectuais a criarem identidades e sentidos para tais relações, como modo de se sentirem membros de uma coletividade social. Tal sentimento de preenchimento deste vazio guiou os grandes ensaios de interpretação do Brasil, cuja característica é quase sempre a combinação de elementos tradicionais e modernos. (BOTELHO *Apud* TRAVASSOS, 1997).

A partir dessa visão em que a Cultura passa a mediar a assimilação de sentidos sobre a Nação, o popular, a identidade brasileira, especialmente nas décadas iniciais do século XX, a Cultura Popular ganha contornos mais complexos em virtude da heterogeneidade interna que embaralhava a linha “natural” de distinção entre o erudito/popular, tradição/moderno, rural /urbano, autêntico/ importado, ao mesmo tempo em que se buscava uma unidade no sentido de brasilidade.

### **3 Macunaíma: transgressões estéticas nos acordes de Mário de Andrade**

“Macunaíma já é uma tentativa tão audaciosa e tão única [...] os problemas dele são tão complexos apesar de ser um puro divertimento [...] É aliás de todas as minhas obras a mais sarapantadora.”

(Mário de Andrade. *Carta a Alceu de Amoroso Lima*, 1928).

---

<sup>4</sup> Considerações de Elizabeth Travassos em seu rico estudo: *Os Mandarins Milagrosos. Arte e Etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*. Rio de Janeiro: Funarte; JorgeZahar Editor.1997.

**Macunaíma** é uma das obras mais importantes da literatura brasileira do século XX. O significado geral da obra como síntese de uma reflexão crítica sobre o homem brasileiro a insere como parte fundamental de nossa cultura, potencializando a compreensão da singularidade do Modernismo brasileiro e de seu autor, não só como um dos líderes do movimento, mas como grande teórico da cultura brasileira.

**Macunaíma** problematiza esteticamente a questão da identidade nacional e seus elementos constituintes: o nacional, o popular, o folclore, o primitivismo do povo brasileiro, com suas raízes étnicas na elaboração de uma cultura nacional.

Segundo seu próprio criador, “**Macunaíma** é uma sátira mais universal ao homem contemporâneo, principalmente do ponto de vista desta sem-vontade itinerante, dessas noções morais criadas no momento de as realizar, que sinto e vejo também no homem de agora.” (ANDRADE, 2000, p. 473).

Na estrutura da obra, as rupturas narrativas de tempo, espaço e composição de personagens; a ruptura linguística que mescla o culto e o popular, o urbano e o regional, o escrito e o oral e as referências folclóricas na expressão (representação) da “fala brasileira”; a sátira sério-cômica e discurso carnalizado fazem da própria narrativa – o ato e a maneira de narrar – protagonizar, juntamente com o “herói sem nenhum caráter”, a grande alegoria da obra. O dinamismo, o humor, as contradições na construção da rapsódia, cujo núcleo temático se constrói com a perda e a busca do muiiraquitã, desdobrando-se em vários núcleos temáticos, simbolicamente narrados em microestórias, com variedades de motivos populares, ainda estimulam e incitam polêmicas, renovam interpretações e análises num contínuo e permanente diálogo de uma “obra de arte aberta”.<sup>5</sup>

Na construção da rapsódia, Mário de Andrade, através da expressão do sentimento nacional, explicita duas de suas teses para auxiliar sua criação literária: o primitivismo do povo brasileiro e a legitimidade estética da cultura / literatura popular e oral. Teses que se aplicam em sentido mais amplo a outros campos da arte, como, por exemplo, à música. Do ponto de vista do conjunto dos pressupostos analítico-interpretativos consagrados pela fortuna crítica de **Macunaíma**, a obra se aproxima muito mais de uma noção **desconstrutivista** do discurso literário. Enquanto narrativa, consiste em interpretação que sublinha as tendências conflitantes em textos e contextos que desafiam as tentativas de representar a realidade em termos de coerência e objetividade.

Nesse sentido, **Macunaíma** se inscreve na linhagem dialógica e representa o ponto extremo do conflito, cuja ação se projeta em dois planos simultâneos: a da atração pelo mundo civilizado (Europa) da cultura erudita e a da fidelidade ao Brasil, com suas diferenças e dilemas, satirizando um estado de coisas sem apontar uma solução.

Sabe-se que o sentido estruturador de **Macunaíma** é a rapsódia mítica: a “misturada” de elementos heteróclitos da cultura brasileira, em um poema-heróico-cômico “desgeograficado”. Sensível ao pensamento de Freud, de Frazer e outros teóricos, Mário de Andrade compreende a importância do mito como elemento estruturador da obra de arte, repensando-o numa ótica não-ocidental. Em **Macunaíma**, ficção mitopoética, o autor mergulha antropologicamente no “largoíssimo Brasil” buscando entender a alma brasileira e retrata o “herói sem nenhum caráter”, “herói de nossa gente” com suas ambivalências e contradições.

Conformando algumas considerações de estudos críticos<sup>6</sup> sobre as relações sócio-históricas e políticas entre o processo de modernização e o movimento artístico modernista, na configuração do

---

<sup>5</sup> Obra de arte aberta - Refere-se às formulações teóricas de Umberto Eco em seu livro *Obra aberta: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 64. “[...] cada obra de arte, ainda que produzida em conformidade com uma explícita ou implícita poética da necessidade, é substancialmente aberta a uma série virtualmente infinita de leituras possíveis, cada uma das quais leva a obra a reviver, segundo uma perspectiva, um gosto, uma execução pessoal.”

<sup>6</sup> Trata-se de *O mistério do Samba*, Hermano Vianna, 2004; *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*, Roberto Moura, 1995; *Pequena História da Música Popular- da modinha ao tropicalismo*, 1986, José Ramos Tinhorão; A

quadro cultural das décadas iniciais do século XX, tem-se que a problematização do nacional e do popular nas diversas esferas sociais, especialmente, no circuito intelectual hegemônico da época, embora de tendência fortemente unificadora, acaba por colocar em evidência a diversidade de nossas raízes culturais e a nossa pluralidade social.

Assim, as confluências entre o momento sócio-histórico e as expressões artísticas, notadamente a literatura e a música, articuladas à identidade brasileira, mediando os ideais nacionalistas, convergem para a politização do projeto estético dos intelectuais modernistas. Por um lado, a cisão dos valores estéticos e sociais da elite intelectual e política, por outro, as formas de organização não institucionais da população abriam brechas de interação para as camadas populares da sociedade. A inserção social através da arte, em particular, de um contingente popular no circuito do entretenimento e de sua representação no universo artístico: literatura, artes plásticas, música, passam a operar tanto como estratégia de afirmação dos marginalizados da sociedade, bem como elemento estético, produto e produtor de significados no ideário nacionalizante das vanguardas modernistas.

Nessa perspectiva, em nosso estudo mais amplo, do qual faz parte o presente recorte analítico, interessou-nos, sobretudo, o diálogo interartístico e polifônico que a obra **Macunaíma** e seu autor estabeleceram com a cultura em sentido geral e, em particular, com a cultura popular brasileira. Interessou-nos identificar, alguns elementos para a articulação do sentido da obra, em eixos dicotômicos, mas não excludentes. Se por um lado a obra identifica-se como ruptura, como transgressão ao sistema literário vigente; por outro lado, retoma e conserva elementos da tradição literária. Isto significou trazer para a centralidade da análise, o diálogo no seu aspecto mais amplo: a polifonia cultural colhida nas relações entre o texto literário, a música e a representação social de diversos agentes históricos para a cultura brasileira. Enquanto prática sociossimbólica num espaço poético-musical imaginário e **desgeografado**, que a literatura inventa e ocupa, a cultura brasileira, consubstanciada em **Macunaíma**, rompe as barreiras da linguagem oficializada, incorpora a força ampliadora e libertadora do folclore e da cultura popular e vincula a vocação do artista e do intelectual aos destinos da nacionalidade.

## Acorde final

Os modernistas e Mário de Andrade, em particular, buscaram a autonomia das manifestações artísticas, e a literatura que desenvolveram se fixou na valorização dos traços locais, na procura por elementos nativos, posicionando-se em defesa da cultura popular, revelando-se a defesa das tradições nacionais. Em parte, os modernistas fizeram o que os românticos também faziam: valorizar o nacional.

Esse movimento de diversidade e permanência consolida uma tradição não como algo imutável, “passadismo cheirando a mofo”, como dizia Mário, mas como referência que vincula a força mediadora da **memória nacional** à força da experiência concreta e particular da **memória coletiva**. Para Mário de Andrade, o passado tem como força constitutiva desvendar as tradições que levam à compreensão do presente e a novas perspectivas de futuro. Sua busca para compreender a cultura brasileira, não como uma unidade fechada, e sim como articulação de várias partes que dialogam entre si, leva-o a conceber o Brasil como uma totalidade de fragmentos de seu povo no presente e no passado, no urbano e no rural, sob a imensa presença do folclore. A riqueza da cultura brasileira, então, residia na ligação íntima entre as culturas negra, índia e branca, pois entendia que era possível atingir o **universal** por meio de **expressões particulares, nacionais**.

Para tanto, as modulações e as transgressões de seus acordes nacionalistas, mediando sua criação artística e seu papel como intelectual da cultura, tinham a preocupação de focalizar **tradição, nacionalidade e originalidade**, permitindo-lhe formular **uma narrativa socioestética de**

**nação:** um empenho compulsivo de entender a formação de nossa identidade nacional, de pesquisar, conhecer e valorizar esteticamente a arte popular, o folclore; de se entranhar nesse “largoíssimo Brasil” para consubstanciar **um projeto civilizador pela cultura**, para que o povo visse e valorizasse sua própria cultura para, por intermédio dela, e nela, reconhecer-se.

Desse modo, a inter-relação entre literatura, cultura e nação no pensamento artístico-literário da época apresenta uma mobilidade de fronteiras e limites, que problematiza os dispositivos analítico-interpretativos de formulações teóricas sobre a identidade brasileira, vinculando a vocação do artista e do intelectual aos destinos da nacionalidade, expandindo-se, como utopia, para além dos âmbitos literários e artísticos, nos principais movimentos culturais ao longo do século XX.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a Música Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins, 1962.

\_\_\_\_\_. *Macunaíma*. São Paulo: Livraria Martins, 1976.

\_\_\_\_\_. *Macunaíma- o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica. LOPEZ, Telê Porto Ancona, coordenadora, 2ª ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

\_\_\_\_\_. Mário de. BANDEIRA, Manuel. *Correspondência*. Organização, introdução e notas de Marcos de Moraes. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2010.

ECO, Umberto. *Obra aberta: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

TRAVASOS, Elizabeth. *Os mandarins milagrosos: Arte e Etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*. Rio de Janeiro: Fuanrte; Jorge Zahar Editor. 1997.

---

<sup>i</sup> **Beatriz LOPES, Mestre**  
Universidade de Brasília (UnB)  
betrizlopes@ibest.com.br